

O melhor livro do Visconde de Taunay

NOGUEIRA MOUTINHO

Desde seu lançamento em 1872, "Inocência", de Taunay, vem merecendo surpreendente favoritismo. Quase meia centena de edições sucessivamente consumidas pelo público asseguram ao romance inabalável permanência em nossa literatura, na qual ocupa ao mesmo tempo o papel de clássico e de popular. O próprio escritor tinha confiança na perpetuidade de sua narrativa singela: "Hão de chegar à posteridade duas obras minhas", afirma nas suas "Memórias": referia-se à "Inocência" e à "Retirada da Laguna". Agradável coincidência faz com que a transformação do romance em filme ocorra no momento em que se comemoram cento e quarenta anos do nascimento de Taunay — Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay — vindo à luz no Rio de Janeiro em 1843. Esse patronímico francês é muito ilustre na cultura brasileira, designa uma linhagem de artistas e escritores notável. O primeiro deles é Nicolas Antoine Taunay, pintor chegado ao Brasil com a Missão Francesa em 1816. Com ele vieram o irmão Auguste Marie, escultor, e os filhos Félix Êsmile, pintor, e Hyppolite, desenhista, colaborador de Ferdinand Denis na famosa obra sobre "Le Brésil". O maior dos filhos do velho Nicolas Antoine seria, porém, o nosso grande romancista (1843-1899), criado Visconde de Taunay, pelo Imperador, em setembro de 1889, dois meses antes da queda da Monarquia. Quando presidente da província de Santa Catarina, em 1876, nasceu-lhe na então Nossa Senhora do Desterro o filho que iria tornar-se o historiador maior de São Paulo: Afonso Taunay.

"Inocência" é o melhor dos romances que escreveu, muito superior a "Ouro sobre Azul", a "O Encilhamento", a "No Declínio", narrativas urbanas. É que Taunay só sabe dar o melhor de si no sertão, sua veia autêntica é o regional. A velha Santana do Parnaíba, "miserável e sazonal localidade", está inteirinha em "Inocência", foi realmente por ele visitada. Muitos tipos que aparecem no romance são elaboração literária de personagens autênticos, realmente conhecidos, fixados já em outro de seus bons livros, "Visões do Sertão". O próprio drama de fatalidade amorosa descrito na famosa novela tem muito de um episódio pessoal vivido pelo jovem Alfredo Taunay, em sua viagem a Mato Grosso. Lá ele se apaixonara por uma indiazinha, Antônio, comprada ao pai. A moça também o amou, ambos se apegaram no melhor estilo romântico: "Em tudo lhe achava graça — diz ele — especialmente no modo ingênuo de dizer as coisas e na elegância inata dos gestos e movimentos." A separação inevitável da jovem é o drama que vai emergir mais tarde na triste história de um amor contrariado, motivo principal deste romance.

30-VI-1983
Felix de São Paulo - CMP 1.2.2.190